



I Simpósio de Teologia Anglicana no Brasil

A palavra “inclusividade” vem sendo repetida em diversos textos e contextos teológicos há algum tempo, particularmente na IEAB. Atualmente, essa palavra não tem sido invocada apenas na teologia. Algumas faculdades de pedagogia e economia já têm disciplinas no currículo chamadas “Educação inclusiva” e “Gestão Econômica Inclusiva”. São sinais de que, apesar da decantada globalização, cresce em nossa época a preocupação para com fenômenos sociais, econômicos e religiosos excludentes. É difícil identificar um momento ou uma situação específica a partir da qual a palavra tenha começado a ganhar essa densidade. As discussões teóricas no início da década de noventa a partir do binômio exclusão/inclusão em certos setores da Teologia da Libertação, levaram algumas pessoas a dizer que a “Igreja precisa ser inclusiva”, que “o Evangelho é inclusivo” e que “a prática de Jesus foi inclusiva”. Parece que a palavra indica, num primeiro momento, uma certa “disposição” de que a Igreja seja menos condenatória e mais acolhedora. Por si só, tal ponto já é bastante positivo. Recolhendo experiências nascidas de iniciativas pastorais “inclusivas” e verificando suas semelhanças, aos poucos encontramos na palavra “inclusividade”, um termo capaz de expressar a partir de uma generalização mais ou menos objetiva, o que tem sido buscado no cotidiano. É assim que vai surgindo um modelo teórico – da busca de um sentido explicativo das experiências. Mas essa generalização não é suficiente para fundamentar um programa de educação teológica minimamente harmonioso.

A medida que aumenta a utilização dessa palavra, ela vai se transformando em um “conceito” invocado em diversas situações, às vezes com pouca reflexão teórica. Nenhuma religião, cultura ou grupo social é totalmente inclusivo e talvez por isso seja melhor falar em “graus” de inclusividade. Por isso o Grupo Consultivo do CEA detectou a necessidade de nos debruçarmos numa reflexão inicial em torno dessa palavra, trazendo percepções do senso comum e experiências do cotidiano a fim de confrontá-las e verificar sua viabilidade como eixo hermenêutico capaz de nos auxiliar em diferentes abordagens – a interpretação da Bíblia, a articulação teológica, a reflexão ética e a prática pastoral. Este I Simpósio de Teologia Anglicana no Brasil tem como objetivo central promover a reflexão e o aprofundamento da expressão “inclusividade” e de sua operacionalidade enquanto categoria teológica. Até que ponto trata-se de um conceito com densidade suficiente para tornar-se um referencial-teórico viável para o ensino teológico e a prática pastoral anglicana no Brasil? Naturalmente, a busca por um modelo teórico ou por uma categoria teológica permanece sob o risco da



indeterminação, mas é importante para a articulação de um planejamento pedagógico no ensino teológico.

Mas por que um Simpósio acadêmico de Teologia? Em primeiro lugar, todos sabemos que uma Igreja sem reflexão teológica tende a ficar defasada, girar em torno de si mesma e não ter relevância para o mundo. Além disso, nunca houve um Simpósio de Teologia na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. O que há, sim, são diversos encontros diocesanos, regionais ou nacionais para reflexão, troca de informações, partilha ministerial, estudos de documentos do anglicanismo ou de temas variados. Neste Simpósio, porém, conseguimos reunir num evento nacional a maior parte das pessoas que trabalham efetivamente com educação teológica na IEAB, seja na área de supervisão episcopal (bispos diocesanos), docência (alguns professores de Seminários e Centros Diocesanos) ou pesquisa (bolsistas da JUNET). Vocês que aqui estão são pessoas a quem Deus concedeu o precioso dom da reflexão teológica. Esperamos que todos contribuam da melhor maneira possível para que este evento auxilie toda Igreja a se aprofundar um pouco mais no mistério do amor de Deus revelado em Cristo.

Quando começamos a divulgar o Simpósio um ano atrás, não esperávamos que despertasse tamanho interesse. Diversas pessoas manifestaram desejo de participar e muitas, infelizmente, não estão conosco - alguns até se sentindo “excluídos” - por problemas financeiros. Em todo caso, o CEA estará divulgando diariamente um boletim informativo através do nosso site na internet para que todos os interessados que não puderam estar conosco de estar conosco, possam acompanhar à distância o que está acontecendo aqui.

O Simpósio também ajuda a desfazer a falsa idéia de que os anglicanos brasileiros não produzem teologia. Muita gente hoje está pesquisando e produzindo teologia na IEAB, mas nem sempre tem a oportunidade de passar alguns dias juntos convivendo e trocando experiências. Desde que a JUNET iniciou o programa de bolsas de estudo, a cada ano mais pessoas estão se especializando em diversas áreas para servir à Igreja e ao mundo. Esse é o tempo oportuno para partilharmos nossos estudos e nos enriquecermos mutuamente. As comunicações científicas que serão apresentadas aqui servirão para partilhar e socializar algumas dessas pesquisas.

Todos os momentos desse encontro foram preparados na perspectiva própria do anglicanismo de que não é possível fazer teologia sem a experiência litúrgica da adoração e, particularmente, da celebração eucarística, central para nossa espiritualidade. Por isso,



solicitamos que todos/as se empenhem em participar não apenas dos debates, mas também dos momentos celebrativos.

Somos gratos à Comissão de Educação Teológica na América Latina e Caribe (CETALC) e à Junta Nacional de Educação Teológica (JUNET) pelo apoio financeiro a essa iniciativa. Agradecemos também a Dom Naudal Alves Gomes, bispo da mais nova diocese da IEAB, a Diocese Anglicana de Curitiba, que muito se empenhou junto à CETALC na defesa desse projeto. A realização do Simpósio no norte do Paraná também nos auxilia a visualizar os desafios da região e o potencial do testemunho anglicano aqui.

Nosso desejo é que todos aqui presentes colaborem para que este I Simpósio de Teologia Anglicana no Brasil seja um marco na caminhada histórica IEAB nesse início de século marcado pela desconstrução, pelo ocaso de modelos antigos e a expectativa de um novo jeito de ser igreja, sustentado pela fé no Deus que faz novas todas as coisas.

*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani
Coordenador do CEA*